

Epistemologia e Superfícies Projetadas

Epistemology and Projected Surfaces

Sudsilowsky, Sérgio; MSC; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
sergio.sudsy@gmail.com

Resumo

Com finalidade de desenvolver uma “arqueologia” do que a prática e a pesquisa em Design no Brasil vêm apresentando acerca das superfícies projetadas, propomos um estudo de modelos epistemológicos como passo inicial para delimitarmos as fronteiras de campos particulares de estudos, aplicando ao Design de Superfície, nosso objeto de Tese.

A baixa incidência de publicações sobre o tema e o número reduzido de estudos acadêmicos concluídos e validados explicitou a ausência de trabalhos epistemológicos sobre as superfícies, o que nos fez identificar a necessidade de realizá-lo. Portanto, iniciamos a pesquisa com uma proposta de análise epistemológica das superfícies projetadas, relacionando-as com as principais correntes teóricas do Design na contemporaneidade.

Palavras Chave: Design de Superfícies, Epistemologia, Foucault.

Abstract

To develop an “archaeology” of Brazilian practices and research in Design about the projected surfaces, we consider a study of epistemological models as start to delimit borders of particular study fields applying to the Surface Design, our object of Thesis.

Low incidence of publication on this subject, and the reduced number of concluded and validated academic studies makes explicit the absence of epistemological works about surfaces, that made us to identify the necessity to do it. So, we initiate our research with a proposal to do an epistemological analysis of the projected surfaces, relating them with main theoretical chains of contemporary Design.

Keywords: Surface Design, Epistemology, Foucault.

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Introdução aos Estudos da Tese

“Mudam os saberes porque muda a epistémê ou o solo epistemológico.”
(Guazzelli, 1994)

Essa comunicação apresenta os principais elementos do capítulo de fundamentação teórica da nossa pesquisa de doutoramento, intitulada “**Design de Superfície: novo campo ou hibridismo?**” que, como empreitada inicial, se propõe a estudar a epistémê das superfícies projetadas, a fim de fundamentar o entendimento da sub-área no campo profissional do Design, que atualmente se configura/delimita.

Para tanto, propomos uma reflexão filosófica a fim de encontrar os mecanismos de produção do conhecimento que possibilitam o surgimento de um novo campo de atuação profissional, dentro de uma área que apresenta volume suficiente de fundamentação teórica própria – fato relevante, principalmente por se tratar de uma profissão tida como multidisciplinar por excelência¹. Assim, partimos de algumas das correntes de pensamento existentes que seguiram caminhos epistemológicos, através de filósofos como M. Foucault, R. Barthes e G. Bachelard, entre outros.

Nossa investigação, portanto, se ocupa de assuntos que vão desde a busca por procedimentos de pesquisa mais adequados ao nosso objeto de estudo, bem como da proposição de um esboço de modelo epistemológico para o entendimento e a classificação das superfícies projetadas, “embasado nos indícios singulares e acidentais e nas especificidades decorrentes da complexidade do objeto”, como propôs Elizabeth Saad Corrêa no texto “Reflexões para uma Epistemologia da Comunicação Digital” (2008). Isto é, através da identificação dos elementos que caracterizam a sub-área dentro do campo do Design, sobretudo “suas singularidades, ou seja, aquelas características sempre presentes, que sustentariam a seleção de indícios e a proposição de inferências” (Idem) que entendem o campo como uma possibilidade de atuação inédita, em concordância com Braga (2007):

“Hoje, [temos que reconhecer] que cada uma das Ciências Humanas e Sociais se desdobra, nas suas pesquisas próprias e na sua interface com as demais, em uma variedade de modelos epistemológicos – em função dos objetivos de cada pesquisa, das sub-áreas de especialização disciplinar, dos enfoques teóricos que adotam e/ou constroem, e das relações que de elaboram com a realidade social pesquisada”².

Isto posto, convém fazermos algumas ressalvas: esta seção da nossa tese não se propõe a “mapear” toda e qualquer intervenção em superfícies ao longo da história (ou mesmo da **pré-história**, como fazem alguns autores), nem mesmo nos propomos a iniciar o nosso trabalhos a partir do “marco-zero” da atuação humana em superfícies, quando os (ainda) hominídeos perceberam que lascas de pedra oferecia como resultado uma “ferramenta” que possibilitava cortar outras superfícies (desde que menos resistentes do que a pedra).

¹ Em tempo: é importante observar que outras áreas que também são multidisciplinares (como a medicina, biônica, as engenharias etc.), não são “rotuladas” como menos teóricas ou científicas por isso, nem deixam de ter um corpo próprio de conhecimentos próprios reconhecido por seus pares e pelo senso comum.

² BRAGA, José Luiz. *Comunicação, disciplina indiciária*. Trabalho apresentado junto ao GT “Epistemologia da Comunicação”. Anais do XVI Encontro da Compós. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

Continuando com as ressalvas, ainda que tomássemos a “intencionalidade” na intervenção e/ou confecção de superfícies na história dos objetos configurados como requisito de corte epistemológico para início do nosso estudo, teríamos que discorrer sobre movimentos, estilos ou períodos da História da Arte já arduamente investigados, situação que nos imporia um início de mapeamento muito distante do “marco-zero” convencionado para o Design, nossa especificidade: a Revolução Industrial.

Ou seja, é a partir desse ponto, do surgimento do Design como profissão, que iniciaremos o nosso trabalho. Propomos classificar os objetos do Design de Superfície a partir da **natureza, bases, limites e critérios** para a sua **validação** como um objeto pertencente ao campo do Design de Superfície, projetos que resultam em padronagens, a partir da utilização de metodologias de projeto próprias, as formas como esses objetos são configurados, reproduzidos e fabricados, utilizando as ferramentas técnicas e tecnológicas da indústria e, ainda, levando em consideração que tudo isso ocorre num contexto social existente - e algumas vezes determinante.

Também, como proposto por Foucault, tais observações serão feitas a partir do estabelecimento de relações ente as “três áreas do saber” listadas no livro “As Palavras e as Coisas” - *vida, trabalho e linguagem* – com as possíveis instâncias onde podemos localizar tais superfícies – *uso, prática profissional (projeto) e discursos* – como justificativa para o surgimento de um novo campo de atuação profissional.

Em busca de conceitos e objetos de estudo

O capítulo em questão está dividido em três partes e apresenta a raiz de uma quarta, etapa posterior de nosso trabalho. Dessa divisão surgiram alguns critérios para classificarmos as superfícies projetadas, auxiliando na construção da proposta de uma *epistemologia das superfícies projetadas*. São elas:

1. Iniciamos com uma investigação **etimológica** do termo *superfície*, bem como de outros a ele associados (superficial, pele, cobertura, máscara, couraça, aparência etc.), buscando a sua origem e significados/conceitos de maior importância assumidos ao longo do tempo, bem como do seu conceito “oposto” – o interior, a essência, a substância etc. – que surge quase imediatamente ao pensarmos nosso objeto.

Etimologicamente, superfície vem do latim *superficies, éi*, significando, originalmente, “superfície, parte exterior; exterioridade, aparência; parte superior; o que está sobre o solo” e, especialmente nesse último caso, “construção”. Ainda: “composto do prefixo latino *super-* + *facies, éi*, significando ‘face, rosto; o exterior, semblante’”.

O Houaiss apresenta ainda as datas em que o termo aparece em textos ocidentais com os significados acima (1572 – *superficia* e 1593 – *superficie*), registrando que, na antigüidade, as palavras que eram usadas com significado mais próximo ao apresentado eram “*faciesi*”, significando “feição, forma, aspecto”. E continua: “a palavra é assim empregada até a época imperial, quando, numa restrição comparável à de figura, se especializa como ‘fachada’ e de ‘figura, face’; um dobrete, **facia*, é atestado nas línguas românicas”, além de “anglo-saxão *fake*, italiano *faccia*, provençal *fatz*, castelão *fas*, espanhol *haz*, português *face*”, demonstrando as mudanças que os conceitos assumem ao longo do tempo. Sobre mudanças desse tipo, Elaine Caramella pontua (em relação ao campo do design):

“As últimas quatro décadas vêm assistindo a uma transformação no conceito de design. Mas, se observarmos as interpretações tradicionais, seja pelo viés da estética

da mercadoria, seja pela História da Estética, a dos objetos (Cultura Material) e a do Design, todas elas enredam, na sua trama, um conjunto de conceitos, tais como a relação entre o belo e o útil, a relação forma e função, função simbólica, valor estético, valor econômico, valor de posse, valor de exposição, posição de mercado, tendências.” (Caramella, 2004:1)³

Ou seja, como superfícies são, geralmente, a parte exterior / visível / perceptível de “algo”, é imprescindível falarmos desse “algo”, já que, não raro, a superfície tende a ser apresentada até mesmo de forma “antagônica” a esse algo interior. Dessa forma, investigamos também as acepções mais comuns referentes à “**substância**”, “**essência**” (e termos correlatos), bem como alguns significados e conceitos que tais termos assumem no pensamento filosófico ocidental, uma vez que referências às relações envolvidas entre “**superfície**” e “**substância**” são constantes em diversas escolas filosóficas.

Se remontarmos aos primeiros filósofos e caminhararmos ao longo da evolução do pensamento ocidental até os nossos dias, encontraremos a relação “substância x superfície” (bem como suas variantes “essência x aparência”, “substrato x atributo”, “ser x caracteres” etc.) em textos de Aristóteles, Platão (remontando à Sócrates), Epicuro, dos escolásticos, Descartes, Spinoza, Hegel, Kant, Husserl, encontrando ecos em escolas e doutrinas como o Esteticismo (a “arte pela arte”, ou seja, a aparência Estética como elemento mais importante) e a Estruturalista (que privilegia as “estruturas” em detrimento do restante”, em muitos casos apresentando essa mesma estrutura como sendo uma espécie de “essência”) bem como nos diversos autores que abarcaram os seus princípios (Foucault, Barthes, Baudrillard, Freud, Lacan, Piaget e muitos outros).

2. Dando continuidade à proposta, remontamos à História do Design, selecionando movimentos / Escolas / estilos em que as superfícies possuem “relevância projetual”, ou seja, destacamos alguns momentos em que as superfícies foram projetadas de forma intencional, principalmente quando esta é um dos fatores de destaque no produto (ergonômico, estético, funcional, simbólico etc.).

Foucault afirma que cada época se caracteriza por uma configuração geral do saber comum aos vários saberes particulares, a qual determina o que pode ser pensado, como pode ser pensado, dentro de que critérios, segundo qual ordem. Desse pensamento concluímos que seria incoerente investigarmos algo sem contextualizá-lo cronológica e cosmologicamente, e também assumindo certa “impossibilidade pós-estruturalista” de contar uma história linear, como mera “sucessão” de acontecimentos temporais, advém a utilização do conceito de “arqueologia” foucaultiano, ou seja, a busca do conhecimento dos princípios ou das condições de possibilidade dos saberes em determinada época.

3. Assim sendo, além de um recorte na História das Superfícies projetadas, realizamos uma “cartografia” do surgimento e da implantação do Design de Superfície no Brasil, tanto pelo viés da prática profissional, do ensino e pesquisa, e também através da análise dos discursos formais (formalidades propostas geralmente por acadêmicos, teóricos, órgãos governamentais, de classes e/ou associações) identificados em documentos “oficiais”: ou seja,

³ CARAMELLA, Elaine. **Design e Interface: uma polêmica conceitual**. In: anexos do “Projeto Pedagógico dos Bacharelados em Design”. São Paulo: Senac, 2004. (documento interno).

investigamos o que se entende por “Design de Superfície” *aqui e agora*: Brasil, início do século XXI⁴.

Destacamos o fato de que, além da intencionalidade, outras questões nortearam nosso recorte: superfícies como o principal fator no projeto (tanto funcional quanto estético, como é o caso dos objetos resultantes do movimento Art Nouveau), o conhecimento teórico acerca de superfícies (sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento das padronagens), conhecimento técnico acerca da formulação e execução das superfícies, além de critérios mais subjetivos como: superfícies como “adorno”, superfícies como “resultado” do projeto de produto e até mesmo superfícies como “simulacro” ou “máscara” da aparência dos objetos projetados, entre outras categorias, abordados sem que haja preponderância de uma classe sobre a outra.

4. Finalizando e dando seguimento à nossa tese, faremos uma análise **processual** das superfícies projetadas, uma vez que entendemos ser fator primordial a possibilidade de produção do produto pensado. Isto é, percebemos que é necessária a realização de um levantamento dos processos de produção envolvidos no Design de Superfície a fim dotar os produtos do resultado final pensado pelo designer, uma vez que diversos processos produtivos podem estar envolvidos em apenas um único tipo de aparência e/ou acabamento superficial, sobretudo se levarmos em conta a quantidade e principais características dos sensores perceptuais que serão envolvidos na fruição dessa superfície.

Últimas Palavras

Elegemos a Epistemologia para figurar no nosso estudo e compor o referencial teórico da nossa Tese por esta por constituir-se como um dos elementos que compõem uma Teoria - juntamente com a Ontologia (fundamentos conceituais), Metodologia (procedimentos para geração do conhecimento) e a Axiologia (Valores e compromissos: os julgamentos críticos que guiam e explicam o perfil da teoria e de seus objetos).

Concluindo, percebemos também a necessidade de fazermos uma listagem dos principais processos de preparação de superfícies e aplicação de padronagens, bem como os acabamentos envolvidos nas etapas de pós-produção do produto industrial, em muitos casos.

Referências

BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, s. d.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997. 3a. ed.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOMFIM, Gustavo Amarante. **Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação**. Aend/Revista Estudos em Design n.º 2, dez. 1997, pp 27-28. Rio de Janeiro, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974

⁴ Resultados dessa pesquisa podem ser encontrados no artigo “**Design de Superfície: novo campo ou ‘mais do mesmo’?**”, apresentado e publicado nos anais do VII P&D Design Paraná, ocorrido em agosto de 2006.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. In.: Anais do XVI Encontro da Compós. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

CARAMELLA, Elaine. **Design e Interface: uma polêmica conceitual**. In: anexos do “Projeto Pedagógico dos Bacharelados em Design”. São Paulo: Senac, 2004. (documento interno)

CORRÊA, Elizabeth Saad. **Reflexões para uma Epistemologia da Comunicação Digital**. In.: Observatorio Journal, No. 4. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008 (307-320).

FERRY, Luc. **Homo Aestheticus: A Invenção do Gosto na Era da Democracia**. São Paulo: Ensaio, 1994.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. (org: Rafael Cardoso. Trad.: Raquel Abi-Sâmara). São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

_____. **The Shape of Things: A Philosophy of Design**. Londres: Reaktion Books, 1999.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e As Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GUAZZELLI, Iara. **O Conceito de Solo Epistemológico**. In.: Cadernos de Filosofia, Ano I, no. 1. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1994.

LOVE, Terence. **A meta-theoretical basis for design theory**. In.: *Design: Foundations for the Future* (p. 45-54). Stoke-on-Trent, GB: Staffordshire University Press, 2000.

MANZINI, Ézio. **A Matéria da Invenção** - Coleção Design, Tecnologia e Gestão. Lisboa: Centro Português de Design, 1986.

MOLLES, Abrahan.. **Teoria dos Objetos**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981.

MONTANER, Josep Maria. **As formas do século XX**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

SUDSILOWSKY, Sérgio: **Design de Superfície: novo campo ou ‘mais do mesmo’?** In: Anais do VII P&D Design Paraná. Curitiba: agosto de 2006.

ZEISEL, John. **Inquiry by Design: Tools for environment-behavior research**. Califórnia: Brooks/Cole, 1981